

## SEPULTAMENTOS PRÉ-HISTÓRICOS DO VALE DO PERUAÇU - MG

*André Prous\**

*Mônica Carsalad Schlobach\*\**

PROUS, A.; SCHLOBACH, M.C. Sepultamentos pré-históricos do Vale do Peruaçu – MG.  
*Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 7: 3-21, 1997.*

**RESUMO:** São apresentados aqui os onze sepultamentos escavados no vale do rio Peruaçu desde 1981. Após discussão de dados referentes a sexo, idade e datação, é descrita a posição em que cada esqueleto se encontrava, bem como os objetos que o acompanhavam. Objetivamos com isso discutir a existência de padrões de enterramento para os dois períodos (Arcaico Médio – 4.500/7.000 BP – e Ceramista Recente a Médio – 600/1.200 BP) em que tais estruturas foram encontradas no vale. Concluímos que há algumas feições típicas de cada um desses dois períodos.

**UNITERMOS:** Arqueologia – Minas Gerais – Sepultamentos – Rituais.

Dos dez sítios escavados no vale do Peruaçu, apenas dois abrigos (Lapas do Boquete e do Malhador) tinham sepultamentos nas áreas pesquisadas. Uma urna funerária foi retirada de um sítio aberto que não chegou a ser pesquisado sistematicamente. Descreveremos aqui os onze enterramentos encontrados durante as escavações entre 1983 e 1996, que parecem ser representativos de dois dos principais períodos de ocupação do vale: o “Arcaico Médio” (por volta de 4.500/7.000 BP: sepultamentos I, II e VI do Boquete, I, IV e V do Malhador) e do período Ceramista Recente a Médio – correspondente à chamada “Tradição Una” (entre 600 e 1200 BP: sepultamentos III, IV e V do Boquete; II e III do Malhador).

Infelizmente, nenhum sepultamento foi encontrado nas camadas mais antigas de ocupação dos abrigos.

Alguns dentes e ossos humanos isolados foram encontrados em diversas camadas da Lapa do Boquete, de uma das sondagens da Lapa dos Bichos e uma cabeleira, em níveis recentes da escavação nº 2 da Lapa do Caboclo, seja provenientes de áreas perturbadas por tocas, seja por covas de silos.

### **Sepultamentos da Lapa do Boquete**

Os seis sepultamentos foram encontrados dentro de uma área de 55m<sup>2</sup> escavados dentro do salão principal.

O sepultamento II foi escavado por A. Prous, que participou também da escavação dos de nº III a VI. O sepultamento III foi escavado por P. Junqueira e I. Malta. Escavaram o sepultamento III

(\*) Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Museu de História Natural da UFMG e *Mission Archéologique* de Minas Gerais.

(\*\*) Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais.

Marcos Eugênio Brito e M. Castro e Silva; o sep. IV foi escavado por R. Kipnis e E. Fogaça; o sep. V por W. Neves; e o sep. VI, por V. Vesolowski.

### *Sepultamento 1*

Foi encontrado na quadra inicialmente chamada “A” na época da escavação (em 1983; foi posteriormente identificada como P 27 na topografia geral). Trata-se de um adulto de sexo masculino de idade biológica de 35 a 39 anos, datado em 6.040120 BP (CDTN 1022 – idade do nível situado acima da coxa) e  $7.232 \pm 222$  BP (CDTN 1035), idade de carvões retirados fora da fossa mas próximos à mesma, em um nível entalhado pela mesma). Uma concha retirada da fossa (e provavelmente enterrada pouco depois do preenchimento da mesma) foi datada de  $7.154 \pm 150$  BP (CDTN 1036), reforçando a estimativa de uma idade real por volta de 6.500 anos.

O corpo apresentava-se completo e em bom estado.

A cova media cerca de 70cm de diâmetro e quase 30 de profundidade, estando forrada com vários blocos de calcário poliédricos, com diâmetro maior entre 20 e 30cm. O corpo, ainda articulado, foi a seguir depositado em decúbito dorsal, os quatro membros fletidos, coxas na vertical, mãos na altura do peito, a cabeça para NW e a bacia para SE. Embora a cabeça tenha rolado um pouco, parece ter inicialmente olhado para cima. Um bloco maior, utilizado como quebra-coco, repousava sobre o tórax, enquanto outros cobriam o crânio, sendo um deles colorido de vermelho. Vários nódulos e lascas grandes de sílex (algumas retocadas) estavam amontoados ao lado da cabeça.

Infelizmente, é difícil afirmar que o material lítico foi colocado como acompanhamento, pois os homens pré-históricos escavaram a fossa até a base da ocupação antrópica, de onde peças das camadas inferiores (equivalentes ao VII e VIII das outras escavações) podem ter sido retiradas com o sedimento, antes de serem jogadas de volta ao se preencher a fossa. A presença de uma ocupação antiga com uma fogueira acompanhada por blocos grandes e quebra-cocos na quadra vizinha P 28, na mesma altura da fossa, reforça esta hipótese. A análise do material lítico da escavação nº 2, ainda não realizada, poderá confirmar se os artefatos retocados apresentam as características típicas dos níveis inferiores.

### *Sepultamento 2*

O Sepultamento II, encontrado na quadra K 11 em 1989, era de uma criança recém-nascida. A estrutura foi datada de pouco mais de 6.900 BP (data de uma estrutura de combustão vizinha situada estratigraficamente logo acima da cova), o que corresponde à sua posição estratigráfica (no contato entre as camadas III e IV).

A cova era oval, com de 35 x 23cm no topo e profundidade de 25cm. Suas paredes eram praticamente verticais. O esqueleto, embora frágil, estava completo e em excelente estado de preservação, provavelmente mercê ao contato com os pigmentos ferruginosos. O corpo, articulado, foi colocado no fundo da fossa em decúbito dorsal, pernas fletidas (ambas caíram posteriormente para a direita); o braço direito estava dobrado, estando o outro reto, ao longo da perna esquerda. A cabeça, virada para leste, apoiava na parede norte da cova. Um colar de minúsculas contas de osso extremamente finas e frágeis (muitas quebraram-se ao serem coletadas com as pinças) rodeava o pescoço e a parte superior do crânio foi coberto por pigmentos vermelhos. A parte inferior da cova foi completamente preenchida por pigmentos amarelos, até cobrir completamente o corpo (coletamos cerca de 300g de pigmento preparado puro); a parte superior da cova foi vedada com o sedimento extraído ao se escavar a fossa, misturado com uma forte concentração de concreções de argila endurecida. Uma outra fossa com dimensões semelhantes, embora algo menos profunda, foi escavada na mesma época a 20cm da cova do sepultamento, mas não continha nem esqueleto nem pigmentos, nem qualquer outra coisa a não ser o sedimento mais fofo que o da camada circundante.

Em período posterior, uma raiz perturbou levemente a caixa torácica da criança. Encontramos uma mandíbula de roedor aos pés da criança, sem que seja possível dizer se ela caiu na fossa quando esta foi escavada ou se foi depositada intencionalmente; parece pouco provável que se trate do resto de um animal que tivesse perturbado a cova, pois qualquer marca de toca teria sido notada no sedimento violentamente colorido.

### *Sepultamento 3*

A fossa foi cavada nos sedimentos rosados que correspondem às camadas II e III, mas origina-se

de um sedimento perturbado pelo homem pré-histórico, seja na época de que chamamos “Ø inferior”, seja da Camada “I superior”. Inclusive, um resto de sedimento branco, típico das estruturas remanescentes do I, avança acima da fossa, o que a “dataria” do I inferior. No entanto, este indício não é seguro, pois outros fenômenos poderiam produzir, localmente, o mesmo acúmulo de sedimento branco compacto. Na ausência de datação direta, avaliamos a idade do sepultamento entre alguns séculos e dois últimos milênios.

O corpo era de um jovem (de 10 a 14 anos, sexo não determinado) que tinha sido depositado inteiro, com todos os ossos preservados e em conexão. Estando os mesmos em bom estado de conservação, não foi necessário endurecê-lo. Na região occipital, foi notada a presença de alguns conjuntos de fibras aderentes ao osso, possivelmente cabelos, que se desmancharam quando tentamos coletá-los.

Foi cavada uma fossa circular de 0,45m de diâmetro, por 0,3m de profundidade, fundo pouco arredondado e paredes verticais. Após terem depositado no fundo da fossa alguns grãos de pigmento vermelho destacado de um bloco posteriormente jogado ao lado da fossa, os Coveiros depositaram o corpo encostado à parede oeste, os joelhos a leste; a cabeça ficou inclinada para baixo; as pernas, caíram cada uma de um lado, juntando-se os pés ao sudeste da cova; junto deles estavam as duas mãos, cruzadas acima do púbis. O morto estava envolto em uma “capa” de folhas de palmeiras, retidas por um cordão que atravessava cada peçólo e passava ao redor do pescoço; a capa se estendia por todo o fundo da cova. Os antebraços estavam amarrados por grandes tiras de entrecasca (com 5cm de largura). Após terem preenchido o fundo da cova com alguns centímetros de sedimento, rico em material orgânico, depositaram um pequeno vaso de cerâmica preta (cujo conteúdo ainda não foi analisado) e uma pequena cabaça. É, provavelmente, neste momento que cravaram pequenos postes de madeira de 2,5 a 4,5cm de diâmetro, para sustentar um pequeno teto feito com placas de uma casca espessa (provavelmente *Angico*, *Piptadenia sp.*). A maior “placa” de casca media 23 x 13cm. O conjunto foi fechado, em seguida, e a “tampa” de cascas coberta por carvões. Um roedor instalou-se acima do cotovelo direito cavando também uma galeria de comunicação para a fossa próxima do sepultamento IV. O responsável por esta pe-

quena perturbação é, provavelmente, o animal cujos ossos foram encontrados no final da galeria, já no sepultamento vizinho.

O teto de casca acabou desabando, possivelmente, neste momento em que a fossa teria sido completamente preenchida pelo sedimento cinza escuro. Este inclui carvões, numerosos coquinhos e fragmentos de cansação: todo material típico das fossas para silos dos níveis Ø inferior e I superior. Os carvões de cobertura caíram todos para oeste, seguindo o mergulho do “teto” desabado. Finalmente, homens pré-históricos mais recentes iniciaram uma nova fossa, abandonada quando descobriram a presença do sepultamento.

O material associado ainda não foi analisado. Comporta uma concreção ferruginosa raspada, grãos de pigmento, uma cabaça, um recipiente e fibras vegetais trabalhadas. Os restos faunísticos (inclusive uma vértebra de tatu) e as sementes encontradas no sedimento da fossa não são, provavelmente, “oferendas” associadas, mas, apenas, material proveniente das camadas perturbadas quando da escavação da cova. O mesmo pode se dizer das (raríssimas) lascas de sílex espalhadas na beirada oriental da estrutura. Quatro contas de colar (discoidais) perfuradas, com cerca de 3mm de diâmetro, foram encontradas no nível Ø inferior, logo acima do nível em que a fossa ficou visível. Talvez um colar tenha sido depositado acima da estrutura e perturbado, posteriormente, pelos últimos “cavadores” já mencionados.

#### *Sepultamento 4*

O sepultamento IV corresponde a uma grande cova sub-circular que foi escavada dentro de uma fossa anterior onde vários “silos” tinham sido enterrados. A cova sepulcral é, inclusive, posterior ao silo nº III (cujo lado oriental foi destruído) e ao silo IV (do qual restou apenas a extremidade sul). Desta forma, o sepultamento IV pode ser considerado “grosso modo” contemporâneo, ou pouco mais recente que o sepultamento III, na escala arqueológica das camadas superiores, o que significa uma diferença de idade real não superior a alguns séculos. Muito profunda, a cova atravessou boa parte das camadas holocênicas.

O corpo é de um adulto, provavelmente masculino e de grande estatura; foi enterrado inteiro, com a cabeça envolta por uma estrutura trançada de palha de palmeiras, a qual não foi ainda removida;

assim sendo, não tivemos possibilidade de examiná-la, mas parece ter conservado os cabelos.

O resto do corpo foi parcialmente mumificado pelas próprias condições ambientais,<sup>1</sup> restando pele e ligamentos na altura do tronco, na bacia, na altura dos braços e na parte inferior das pernas (inclusive os pés).

Foi cavada uma fossa oval de paredes quase verticais, com 0,8 x 0,65m de diâmetro e mais de 0,5m de profundidade; ao norte, os limites da fossa coincidem com o aparecimento de um grande bloco abatido, enterrado sob as camadas superiores e que não podia ser visto antes da escavação funerária.

Na base, foram jogados grânulos de pigmento vermelho; a seguir, o fundo e a parede ocidental foram forradas por pecíolos de palmeiras que talvez formassem uma capa semelhante à do sepultamento III; no entanto, foram poucos os restos de cordão encontrados, o que torna discutível sua associação com a palha (na qual não identificamos furos de costura). No fundo, os pecíolos formavam várias camadas de elementos paralelos, cada uma cruzando obliquamente a anterior.

O corpo foi assentado encostado na parede ocidental, as pernas fletidas e abertas, os pés juntos embaixo da bacia, as mãos acima do púbis, uma delas segurando um anel de fibras vegetais, fechadas por um nó. A cabeça estava embrulhada numa espécie de cesto emborcado. Tiras de entrecasca enrolavam-se ao redor dos braços e passavam acima do peito. Vários objetos foram depositados no fundo da fossa: alguns grânulos de pigmento vermelho, um pote de cerâmica (grande, pelos padrões Una) colocado a sua direita. Na frente do corpo, encostada à parede oriental, uma enorme cabaça; do lado esquerdo, mais três cabaças de tamanho médio. Foi, a seguir, colocada uma palma inteira de coqueiro, provavelmente apoiada no peito (ou sobre a cabeça) e na cabaça maior. Com o tempo, a parte alta deslizou e o talo encurvou-se.

Cerca de 30cm acima do fundo da cova, um lindo balaio trançado foi depositado sobre as caba-

ças e o joelho esquerdo; continha um verdadeiro nécessaire de sobrevivência para o Além.

Atrás do ombro esquerdo, ficaram as duas metades de uma flecha: caniço no qual se encaixava uma forte ponta de madeira maciça com duas farpas entalhadas. Atravessados sobre as pernas, dois fragmentos de madeira (um deles com extremidade arredondada) são, provavelmente, o que restou do arco.

Pode ser que tenham fechado o sepultamento com um teto semelhante ao do sepultamento III, pois não houve preenchimento imediato da cova por sedimento; como prova disto, temos o fato que a mandíbula caiu, por baixo da “cesta” emborcada, sobre o púbis; a deformação do balaio (cujas varas “assentaram” no joelho) e, talvez, a da grande folha de palmeira sugerem também uma sedimentação tardia. Deveremos procurar, nos vestígios vegetais ainda não analisados e coletados antes do reconhecimento da cova, elementos que possam comprovar uma cobertura vegetal. Numa das plantas, está inclusive assinalado um fragmento de casca de árvore perto da cova, 30cm sudoeste da cabeça do indivíduo. Perturbações tardias poderiam ter provocado a destruição da proteção superior.

Os numerosos gravetos, coquinhos e até algumas espigas de milho, são, sem dúvida, provenientes das fossas de silos perturbados pelo sepultamento. As poucas lascas de sílex também, ou mais provavelmente, dos níveis pré-ceramistas perfurados pela cova. Não há quase vestígios faunísticos, a não ser uma mandíbula de roedor, encontrada nas imediações da galeria que destruiu um canto da cesta. Estando estes vestígios ainda por analisar, não os descreveremos mais detalhadamente.

O balaio colocado acima das pernas do morto era feito com fibras duras, mas flexíveis de cipó; continha duas lâminas polidas, uma goiva de concha de bivalva e material para amarração: tiras de entrecasca, uma bola de cera de abelha (parte desse material já foi ilustrado em Prous et al. 1994). Dentro do balaio também havia uma pequena cabaça contendo uma faca de sílex com vestígios de utilização e restos de pigmento vermelho no gume, um novelo de barbante, outra bola de cera e vários objetos de ossos. Entre estes, dois caninos superiores de porco do mato, dois incisivos de capivara (um deles, com uma bola de grude – resina ou cera – na parte proximal); oito dentes de paca soltos e

(1) O que não é fato inédito nas grutas de Minas: em dois municípios do sul do estado, foram documentados casos de mumificação natural: em Carangola (pesquisa inédita de Prous e Baeta) e em Rio Novo (cf. Beltrão e Lima 1986) onde também foram encontrados corpos repousando sobre fibras vegetais. Uma criança, envolta em uma estrutura de fibras, apresentava o mesmo envólucro vegetal do Sepultamento 4 do Boquete.

mais dois, atados a um graveto, formando um buril encabado; enfim, três espátulas de ossos de pata de cervídeo.

#### *Sepultamento 5*

Foi encontrado em 1995, no limite entre as quadras L 20 e L 21. Cavada a partir do contato entre as camadas Ø (ainda marcada pelas perturbações consecutivas à introdução do gado na região) e I. Embora não tenhamos ainda datação para o enterramento, sua antigüidade pode ser estimada entre 600 e 800 anos. Tratava-se de uma criança com poucos meses de vida, cujo esqueleto foi quase completamente preservado; alguns cabelos ainda aderiam ao crânio.

Logo antes de notar-se a cova, notamos a presença de uma estrutura de combustão circular de 30cm de diâmetro com carvões e cinzas misturados, cujo centro estava ocupado por uma plaqueta de calcário. Um nódulo de pigmento escuro com vários centímetros de diâmetro foi encontrado na borda desta estrutura. Embora seja possível que estes vestígios sejam independentes e um pouco posteriores ao sepultamento que apareceu logo a seguir, imediatamente a leste, veremos que não se pode descartar a possibilidade de que cinzas e carvões resultem da ação dos coveiros.

A criança teve sua cabeça enfeitada com penugem branca de ave e recebeu um adorno formado por minúsculas contas de colares, encontradas sobretudo na região do tórax. Foi a seguir depositada em posição fletida dentro de um pote com cerca de 35cm de diâmetro (ainda não reconstituído) e mais de 25cm de boca; as pernas estavam a sudeste e a cabeça foi encontrada a noroeste. Um fragmento de cabaça apareceu dentro da urna, mas pode ter caído posteriormente, quando a tampa da urna cedeu.

A fossa, com cerca de 60cm de diâmetro, foi escavada no sedimento das camadas I e II até atingir vários blocos e pedra, perfurando uma grande fogueira anterior que ocupava boa parte das quadras L 20 e 21. Depositaram então a urna, rodeada por cintas vegetais que devem ter servido como base para estabilizar o pote (de base arredondada) e talvez, de alça para o transporte. Colocaram então outra vasilha, emborcada, para servir de tampa. A oeste da cova, ainda colocaram uma cabaça; ao noroeste coletamos um cálice floral e sementes de cansanção, além de um objeto de fibras muito mal

preservado e que ainda não se tentou restaurar.

Os pré-históricos entupiram a seguir a fossa com o sedimento previamente retirado para cavá-la, sem deixar marco que pudesse ser notado pelos arqueólogos. A pequena estrutura de combustão amorfa assinalada anteriormente poderia ser o que sobrou do sedimento escavado dentro de uma fogueira antiga. Isto explicaria a homogeneização do material e sua localização exatamente ao lado da cova. Não parece ser uma fogueira, pois carvões e cinzas estão misturados de maneira homogênea e o conjunto apresenta o aspecto de um material perturbado. O bloco de pigmentos poderia ter sido abandonado pelos coveiros, que não deixaram pó colorido na fossa nem na urna.

#### *Sepultamento 6*

A extremidade da fossa do sepultamento VI foi percebida no corte norte da quadra L 21 enquanto estavam sendo escavadas as camadas III e IV. Decidimos, portanto, abrir a quadra M 21, onde encontra-se a quase totalidade da estrutura, descobrindo o enterramento de uma criança de  $18 \pm 6$  meses. O esqueleto estava completo, muito bem preservado; coletamos até restos de tecidos moles ao longo da coluna vertebral e fezes amareladas entre as pernas.

Algumas marcas de perturbação (“fossa B”) foram notadas no nível superior da camada III mas não é absolutamente seguro que tenham a ver com o sepultamento. Já no nível III inferior, ficou clara a presença de uma cova de 40cm de largura e 80 de comprimento cujo sedimento fofo e cinzento destacava-se sobre o sedimento bege a oeste; a leste, contrastava com uma mancha colorida por pigmentos vermelhos. A cova aprofundava-se nos sedimentos compactos das camadas IV e do nível superior da camada V. Uma datação de  $4.480 \pm 70$  BP (Beta 98574) para carvões associados aos pigmentos da camada III inferior indica a data provável do enterramento.

A cova tinha 80 x 40cm seguindo um eixo norte-sul, tendo uma profundidade de 29cm e paredes abruptas. Notou-se a presença de um degrau ao norte. A criança foi deitada de bruços com as pernas esticadas e os pés cruzados, o esquerdo acima do direito; os braços ao longo do corpo, uma mão sobre a coxa direita, a outra ao longo da coxa esquerda; a cabeça estava virada para oeste. Restos de fibras vegetais trançadas com dois fios fo-

ram encontrados ao longo da coluna vertebral, no braço esquerdo e na nuca, assim como na frente da face. Pigmentos amarelos forravam as laterais da fossa na altura do tórax. Pigmentos vermelhos tinham sido despejados em grande quantidade acima das coxas, do tronco e da cabeça. No degrau já mencionado ao norte da cabeça, o pigmento vermelho formava uma camada de 3cm de espessura, 15 de comprimento e 5 de largura acima da qual repousavam 4 grandes bolas de pigmento amarelo. Coletamos mais de 30g de pigmento vermelho e 131 de amarelo, embora muito se tenha perdido durante os trabalhos. Também coletamos uma matéria pastosa amarelada entre as coxas, provavelmente de origem fecal.

Segundo uma reconstituição possível, uma fogueira teria sido acesa a leste de M 21, sobre a qual teriam despejado pigmentos vermelhos; a fossa teria sido então escavada, cortando a extremidade ocidental da fogueira. Neste caso, o sepultamento seria datado pelos carvões. Existe, no entanto, a possibilidade que o enterramento tenha sido realizado depois, se considerarmos as perturbações discretas notadas no III superior como indicadores da presença da fossa já neste nível. Neste caso, o enterramento não teria relação com o fogo nem com a lente de pigmento, e seria um pouco posterior à datação proposta.

### *Ossos “avulsos” e perturbados*

Alguns ossos como falange ou dente foram encontrados avulsos na escavação nº 1, mas a maioria se encontrava em regiões perturbadas por fossas antrópicas ou tocas de animais. Na escavação nº 2, em M 20, foram recuperados os ossos de um braço de criança pequena numa grande toca que se prolonga dentro da quadra M21 entre blocos desabados, na altura das camadas V/VI, as quais não foram escavadas neste setor. Este último achado indica a probabilidade da existência de um sétimo sepultamento, infantil, datado de cerca de 7/8.000 anos em M 21.

### **Sepultamentos da Lapa do Malhador**

Foram encontrados 5 esqueletos, num total de 15m<sup>2</sup> escavados; o sepultamento nº1 foi escavado em 1982 por P. Junqueira e os demais em 1995 e

1996 por M. Schlobach, W. Neves, V. Vesolowski, H. C. Branco, J. Rodet, S. Nascimento, J. Cardoso e A. Zanetti.

Em todos os casos, retiramos assepticamente (com luvas e máscara) amostras para análise de DNA.

### *Sepultamento I*

Este sepultamento foi escavado em 1981/82 por Paulo Junqueira e sua equipe. Encontrava-se entre as quadras H27 e H28. Inicialmente, em 1981, foram evidenciados na quadra H27 a região do crânio e a parte superior do tronco. Em 1982, a equipe iniciou a escavação da quadra H28, a fim de completar a exumação do indivíduo.

As primeiras falanges são encontradas no nível 3 da estratigrafia estabelecida por P. Junqueira (que corresponde ao nosso nível II). Mas é no sedimento vermelho do que chamou camada 4 (e que denominamos nível III) que surgem os demais ossos. Junqueira escreve no caderno de campo: “O início da decapagem do sedimento vermelho mostrou sem dúvida alguma que o indivíduo foi enterrado no sedimento vermelho, onde já se vê nitidamente o corte da cova no sedimento in situ.”

Assinalamos também a presença de um sedimento remexido vizinho e sobreposto à área do sepultamento – a leste do mesmo – que constituiria fossa posterior à do enterramento: “O tronco do indivíduo parece ter sido remexido por uma cova que fizeram posteriormente (remexido rosa cinzento da linha G/H)” (idem).

Logo, parece tratar-se de sepultamento proveniente de um nível preceramista médio a tardio. Apesar de termos enviado ao Laboratório Beta (Miami – EUA) algumas costelas do indivíduo, a fim de precisar esta data, não foi possível datá-lo, pois não continha colágeno suficiente.

Trata-se de indivíduo do sexo feminino, de 35 a 39 anos de idade. Seu estado de conservação é mediano: “O esqueleto está muito fragmentado, os ossos finos estão muito impregnados de dendritos de manganês” (idem *ibidem*). No que se refere aos ossos longos, a maioria dos que foram encontrados estavam fragmentados (caso do rádio e ulna direitos, da tíbia esquerda e do úmero direito). Outros foram descritos como cortados: os rádio e ulna esquerdos. Quanto aos demais ossos longos, não foram recuperados. Além desses ossos, não foram tampouco encontrados os dos pés e todas as coste-

las esquerdas. Os demais ossos estavam conectados, apesar de terem sido deslocados em alguns casos.

Foi cavada uma cova oval, que no momento das escavações encontrava-se bem mais profunda na região noroeste (área do crânio) do que a sudeste (região reservada aos pés).<sup>2</sup> Mas tal fato deve-se a um microfalamento que provocou o rebaixamento de um pacote sedimentar.

O indivíduo foi depositado deitado, porém com as pernas fletidas. O crânio encontrava-se “com a face voltada para cima a noroeste (295°). O malar esquerdo estava solto, bem como um incisivo inferior (...). O corpo foi jogado na sepultura de lado, estando a parte do lado direito voltada para baixo. A mão direita passa por cima da esquerda, estando os dedos apoiados no punho esquerdo. O rádio e o cúbito esquerdo estão cortados, faltando o restante do antebraço e do braço”

Aparentemente, foram jogados blocos de pedras sobre as pernas: “Várias pedras e blocos concrecionados foram atirados sobre o esqueleto, principalmente junto das tíbias e perônios, já na porção norte da quadra”

O material encontrado no sedimento remexido que parece ter remexido a fossa “constou de algumas lascas de sílex, carvão, coquinho, vértebras de peixe, plaquetas de tatu, fauna pequena e *Strophocheilidae* (...) Como adereços funerários podemos verificar alguns *Strophocheilidae* perfurados próximos à omoplata direita”. Também junto à mandíbula parece ter sido encontrada uma plaina semelhante: “A mandíbula estava quebrada, estando apoiada em um *Strophocheilidae* com perfuração”. Além disso, junto ao axis e ao atlas, havia uma espinha de cobra inteira, que, segundo Junqueira, teria sido depositada junto à pessoa enterrada. De fato, também é possível que a cobra tenha apenas aproveitado a fossa como ninho.

Segundo P. Junqueira,<sup>3</sup> não foram encontrados pigmentos, artefatos vegetais ou outros vestígios que são comumente evidenciados nos sepultamentos do vale.<sup>4</sup>

## Sepultamento II

Esse sepultamento encontrava-se no interior da quadra L10. Destaca-se um dado interessante quanto à sua localização: ele – assim como o sepultamento III – encontra-se na extremidade de um sedimento concrecionado que, apesar de não ser espesso (cerca de 3cm), já é visível no nível em que sua fossa aparece. Assim, essa concreção pode ter direcionado a escolha de sua localização exata, ou porque se evitou cavar no sedimento concrecionado, ou porque se procurava algo de estável (um sucedâneo de uma concreção) para firmar a parede da fossa.

A fossa desse sepultamento começa a aparecer já no nível Ø Inferior. Logo, trata-se de um sepultamento extremamente recente, já que pertence a um nível sub-superficial (que se inicia a 5cm de profundidade da superfície, e cujo sedimento contém boa quantidade de estrume, possivelmente intrusivo<sup>5</sup>). Inclusive, o sedimento remexido que preenche a cova é de coloração marrom-orgânica, o que se deve também ao fato de ela conter ainda grande quantidade de vestígios vegetais, como veremos a seguir.

Um dos ossos pode ser datado, por <sup>14</sup>C (já que continha colágeno). Obtivemos a datação de 810 ± 40 BP (Beta 104505), não calibrada.

Encontrava-se em ótimo estado de conservação, apesar de pertencer a uma criança (de 6 ± 2 anos de idade). Trata-se de um enterramento primário, e assim todos os ossos estavam ainda conectados. Foi possível identificar e coletar uma amostra de seus cabelos.

Foi cavada uma fossa de forma arredondada (cujo diâmetro ia de 36 a 42cm), de paredes verticais e fundo dissimétrico (era ligeiramente mais alto onde repousaram as costas e a pélvis do que na região dos pés). A profundidade total não excedia 35cm.<sup>6</sup>

Essa fossa foi então forrada por, ao menos, uma camada de vegetais que denominamos provisoriamente “palha”

A criança foi então depositada, “acomodada sentada, hiperfletida, com o braço esquerdo lateral

(2) Assim, a cota do negativo da clavícula era 92; a do crânio, 84; a da bacia, 64 e a dos pés, 46.

(3) Comunicação pessoal.

(4) Como cabaças, cerâmica ou lítico.

(5) De vez que predomina aqui um silt rosado, porém mesclado de estrume, provavelmente devido ao pisoteio humano e de gado.

(6) De forma que sua base encontrava-se no nível III Inferior.

ao corpo, levemente fletido e abraçando a perna esquerda por fora com a mão na altura do tornozelo. O braço direito estava em posição lateral, levemente fletido com a mão sobre o abdômen. Ambos os pés encontravam-se dobrados lateralmente na articulação tibia/talus. O direito tinha o lado mesial apoiado contra o solo, e o esquerdo o lado lateral. A cova era bastante pequena e o indivíduo foi espremido para que nela coubesse (da mesma maneira que o sepultamento III). O joelho esquerdo estava mais alto que o direito, com a articulação fêmur/coxal em ângulo obtuso. A perna direita estava sobre o braço direito, com a articulação fêmur/coxal em angulação aguda”<sup>7</sup> Sua cabeça, um pouco virada para baixo, encontrava-se ao norte da fossa e voltada para o sul; seus pés encontravam-se ao sul da fossa.

Foi então recoberta – desde a cabeça, passando pelo tórax e até os pés – por uma capa de fibras vegetais, estruturadas em forma de feixes espessos (até 5cm). À diferença de outros sepultamentos encontrados no vale, essa capa não parece ter sido amarrada ao corpo por cordões, que não foram encontrados aqui. Por outro lado, dada a má conservação dos vegetais (somente poucos fragmentos da “palha” restavam), talvez tenham havido cordas na estrutura, que não se conservaram.

Talvez essa capa tenha envolto a criança, passando por baixo do corpo. É possível também que, antes de colocar-se o corpo na cova, sua cabeça tenha sido envolta em um tipo de fibras vegetais diverso dos demais. Aguardamos análises – já em vias de iniciar-se – da técnica em conservação Elaine G. Lara, que estudará todos os artefatos vegetais encontrados no sítio.

Conforme mencionamos acima, havia fios de cabelo misturados às fibras vegetais encontradas no crânio. Assim, coletou-se um tufo, para análise de DNA do indivíduo. Também as amostras de perióstio encontradas no fêmur e na tibia esquerdos, bem como no fêmur direito, foram coletadas.

Quanto aos sedimentos para análises de paleopatologia, foram coletados em duas regiões: no interior da pelve (sedimento do abdômen) e no interior do tórax.

No que concerne aos vestígios encontrados na fossa, distinguimos dois momentos de escavação:

o material encontrado no alto da cova (antes de aparecer o esqueleto) e o material achado na altura do indivíduo.

No primeiro momento, foram encontrados dois fragmentos de cerâmica, a serem estudados, algumas lascas de sílex, raros fragmentos de pigmentos, vegetais e conchas. Como esse material não se encontrava imediatamente próximo ao corpo e é pouco numeroso, acreditamos que faça parte do sedimento de preenchimento da fossa, e não de vestígios aí colocados intencionalmente.

No segundo momento, encontramos, além das fibras vegetais já citadas, algumas folhas (nas 3ª e 4ª decapagens), bem como poucos carvões e outros vegetais. Quanto aos pigmentos, foram encontrados sobretudo nas duas últimas decapagens, sob os pés e mãos. Eles tanto podem ter sido depositados sob esses membros, quanto sobre eles (no segundo caso, teriam caído sob eles após o apodrecimento das carnes). Além desses objetos, que acreditamos estarem ligados ao preenchimento da estrutura, encontramos também meia dúzia de ossos de animais e poucas lascas de sílex. Mas o artefato mais interessante (ou menos comum) foi uma espátula em osso: tratar-se-á de objeto enterrado com a criança? É difícil afirmar que sim ou que não, de vez que se encontrava a 5cm da perna direita, porém na altura da mandíbula. Até recentemente, acreditávamos que, no vale do Peruaçu, geralmente tais espátulas seriam encontradas associadas a níveis mais antigos. Atualmente, esse achado – e principalmente o do Sepultamento 4 do Boquete acima descrito – nos levam a reavaliar tal idéia.

Logo, os vestígios encontrados aqui cujos estudos deverão apresentar maiores informações são, além dos provenientes do próprio indivíduo enterrado e dos artefatos vegetais que o envolviam, a cerâmica (que, entretanto, parece ser intrusiva, já que foram encontrados somente dois fragmentos, no alto da fossa), os pigmentos e a espátula de osso. Esse último pode ter-se constituído no único artefato depositado propositalmente com a criança.

### *Sepultamento III*

Esse sepultamento, como o anterior, foi encontrado durante a escavação da quadra L 10. Entretanto, ele se encontrava parcialmente no limite com as quadras LM9, e assim abrimos 1/2m<sup>2</sup> suplementar nessas quadras, a fim de exumar o es-

(7) Anotação de campo realizada por Verônica W. de Aguiar e Santos, que escavou este sepultamento.



queleto. Em ambos os momentos da escavação, a fossa apareceu no contato entre os níveis e Ø I. Logo, ele parece ser um pouco mais antigo do que o sepultamento II, mas pertence, também, a um nível sub-superficial, e apresentará, portanto, os mesmos problemas para datação já enunciados a respeito do Sepultamento II, do qual deve ser contemporâneo.

Foi encontrado inteiro, aparentemente na mesma posição em que foi enterrado, visto estarem os ossos todos ainda em conexão. Tratava-se de uma mulher, de idade estimada entre 35 a 39 anos.

Cavou-se uma fossa praticamente circular (diâmetro variando de 55 a 60cm), de paredes retas e fundo côncavo. Este último possuía um declive, na região norte da fossa,<sup>8</sup> que era orientado para SE. Sua profundidade é de aproximadamente 50cm. Dessa forma, ela perfurou os níveis I a V.

Em seguida, a fossa foi forrada com um trançado de fibras vegetais (embira?), do qual encontramos fragmentos em praticamente todo o fundo da cova e em algumas laterais. Como estava muito friável, só pudemos coletar poucas amostras. Foram encontrados também, na parte mais alta da parede da fossa, fragmentos vegetais tubulares que poderiam ser a borda de um grande cesto, dentro do qual teria sido colocado o indivíduo antes mesmo de ter sido depositado na fossa. Logo, a questão que se coloca é: trata-se de esteiras (que poderiam forrar fundo e laterais da cova) ou seria um grande cesto trançado?

Outra questão que se coloca é: teria havido, sob o crânio, um forro complementar, feito de tecido mais “fino”? É o que sugerem as anotações de campo. Como o material em questão foi coletado separadamente, e como será estudado em breve por uma especialista, esperamos responder futuramente essa questão.

Depositou-se então o indivíduo, que, segundo W. Neves – que escavou o sepultamento – “foi acomodado sentado, hiperfletido em posição fetal” O crânio voltava-se para baixo e apontava na direção SE. Ainda segundo o antropólogo: “A cova desse sepultamento apresenta-se muito estreita, dando a impressão que o indivíduo foi espremido dentro dela, até porque as pernas acham-se pressionadas contra a parede, tendo sido torcidas para a esquerda do indivíduo, o que permitiu o seu en-

caixe no espaço disponível. O pé esquerdo estava de tal forma comprimido contra a parede, que a articulação das falanges com os metatarsos encontravam-se dobradas, estando as falanges em posição quase vertical, para cima. Já o pé direito foi contorcido para a esquerda, de forma a se ajustar a sua aresta lateral contra a parede da cova.”

Sobre o crânio, encontrou-se uma capa de fibras vegetais. Estas, à diferença dos trançados já citados, não apresentam sinais de manufatura, exceto, talvez, pelo seu alinhamento paralelo. Mas, como esse alinhamento pode ocorrer naturalmente (caso da embira), provavelmente não se trata de artefato. A grande quantidade de fibras diminui abruptamente em direção à face, onde aparece grande quantidade de fibras, desta vez trançadas e torcidas. Tudo isso sugere um tratamento diferenciado para o crânio, que talvez se assemelhasse ao que foi encontrado no sepultamento III da Lapa do Boquete, onde “o morto estava envolto em uma ‘capa’ de folhas de palmeiras, retidas por um cordão que atravessava cada pecíolo e passava ao redor do pescoço” (Prous 1992/93). Entretanto, tal “capa” “estendia-se por todo o fundo da cova” (idem), o que não era o caso no sepultamento em estudo.

Enfim, à direita do indivíduo, foram colocadas obliquamente três varas, que aparentemente não apresentam vestígios antrópicos. Estas varas, cuja extremidade superior apareceu atrás da calota craniana (mas alguns centímetros mais alta do que ela). Podem fazer parte da estrutura – escorando alguma cobertura que tivesse sido colocada em sua parte superior – novamente, como no sepultamento já citado do Boquete, onde “cravaram pequenos postes de madeira, de 2,5 a 4,5cm de diâmetro, para sustentar o pequeno teto feito com placas de uma casca”. No entanto, como estavam todos juntos e na mesma direção, indo dar no canto SE (e não no centro) da fossa, e como não foram encontrados outros materiais nesta região superior da fossa, acreditamos que possam ser, na verdade, objetos pessoais pertencentes à pessoa enterrada.

Dois materiais, em princípio humanos e de interesse especial, foram coletados para análise de DNA: no fêmur direito, fragmentos de perióstio; e, contornando a 10ª costela direita, algo semelhante a uma pele. Além disso, foi feita coleta de sedimento da caixa craniana e da região abdominal, visando esta última encontrarem-se materiais para estudos de paleoparasitologia.

(8) Onde estava apoiada a cintura escapular do indivíduo.

Quanto a outros materiais associados, além das varas já mencionadas, devem-se mencionar alguns grânulos de pigmento encontrados na peneira da última decapagem – logo, devendo corresponder à prática, encontrada nos outros sepultamentos desse abrigo, bem como nos do Boquete, de jogarem-se grãos de pigmento na cova, antes ou depois da deposição do corpo.

Dois gastrópodes inteiros com perfurações foram encontrados, e seu estudo posterior mostrará se trata-se de artefatos. Algumas peças líticas foram encontradas na última decapagem, na altura dos tornozelos e punhos, distantes destes no máximo 10cm. Entre elas, duas são possivelmente quebra-cocos.

Alguns poucos ossos e um bom número de vegetais (alguns queimados) foram assinalados, mas, por estarem dispersos pela fossa, acreditamos que são provavelmente provenientes dos níveis de preenchimento. O mesmo ocorre com alguns poucos carvões.

Concluindo, parece não ter havido prática de oferendas alimentares, e os objetos pessoais possíveis teriam sido feitos com pedras e madeira. Outro dado digno de nota é a raridade dos pigmentos encontrados: aparentemente, foi somente jogada no fundo da fossa uma pequena quantidade dos mesmos.

#### *Sepultamento IV*

Este sepultamento encontrava-se totalmente no interior da quadra M11. Sua posição estratigráfica – e espacial – é extremamente interessante: na parte superior da cova, quando seu contorno ainda está mal definido, há uma mancha de pigmentos amarela (no contato entre os níveis II e III) que faz parte de todo um conjunto de manchas e grânulos identificados nesse contato nas quadras M/N11 em outubro de 1994; esta mancha continua na altura do nível III Superior, porém passa por outros tons (de grená e marrom); finalmente, firma-se o contorno da fossa (quando a mancha apresenta novamente coloração amarela) no nível III Médio. Tudo isso sugere uma associação entre a “área de atividade” em M/N11 e o sepultamento.

Para datá-lo, poderemos utilizar uma fogueira localizada ao norte da mesma quadra, pertencente ao nível superior ao do sepultamento (nível II). De qualquer forma, pertence ao Pré-Cerâmico médio a tardio.

Este é o único esqueleto cujos ossos apresentaram-se, na sua maioria, mal conservados. Dois fatores contribuem para explicá-lo:<sup>9</sup> sua antiguidade maior do que a dos sepultamentos II e III (vide supra) e o fato de tratar-se de uma criança.

Alguns ossos estavam tão friáveis que, mesmo quando aguardávamos 24 horas para sua evidência completa (e por vezes outras tantas para sua remoção) – com o intuito de tornar seu ressecamento menos danoso –, muitos esfarelavam-se ao ser retirados. Dessa forma, nem todos os ossos estão inteiros, e, como a maioria não fora fusionada por tratar-se de um recém-nascido, possivelmente faltarão algumas epífises ou outros ossos pequenos.

A fossa cavada para enterrar a criança tinha forma arredondada – sendo ligeiramente maior no sentido N/S (diâmetro de 34cm) do que no L/O (diâmetro de 27cm). Era muito profunda: cerca de 70cm.<sup>10</sup> De forma que sua base encontrava-se na altura do nível VIII Inferior, o qual caracteriza-se pela grande quantidade de blocos calcários. Desse nível de blocos, alguns foram provavelmente retirados – já que na maior parte da área do fundo da fossa não estão presentes – e apenas alguns foram deixados, formando assim um semicírculo na borda da fossa que ia de norte (passando por sudeste) a sul. Completando essa linha, encontrava-se uma concreção – mais alta do que os blocos – que parece ter escorado a fossa. Exatamente nos espaços não ocupados por eles, foi depositada uma camada de pigmentos e, acima dela, a criança.

Em razão da maior antiguidade desse sepultamento, os elementos vegetais não estão preservados, e não sabemos se houve, como nos outros sepultamentos do abrigo, deposição de artefatos vegetais sob ou sobre a criança. Entretanto, a posição do esqueleto – cujas vértebras lombares encontravam-se bastante oblíquas em relação aos ossos ilíacos, e cuja calota craniana encontrava-se completamente emborcada – nos leva a pensar que a deposição de sedimento junto aos ossos pode não ter-se dado logo de sua inumação. Por isso, é possível que o corpo tenha sido envolto em algum artefato que o isolava do meio exterior.

(9) O conhecimento do pH desta estrutura também poderia contribuir para essa explicação. Entretanto, não dispúnhamos de aparelho para medi-lo.

(10) Entretanto, a criança, tendo sido depositada praticamente em seu fundo, encontrava-se a cerca de 50cm de seu topo.

O corpo foi depositado sentado, sobre uma espessa (3cm) camada de pigmento amarelo, as costas voltadas para NO, os pés – colocados imediatamente à frente dos ossos da pélvis – apontando para SE.

Por não haver uma disposição clara dos ossos e por não termos familiaridade com esqueletos não fusionados e tão pequenos, não podemos assegurar a validade dos nomes atribuídos em campo aos ossos longos. Entretanto, como dispúnhamos das coordenadas cartesianas, das cotas de altura e das inclinações de cada osso<sup>11</sup> – e tendo sido todos eles numerados –, pudemos redesenhar – em laboratório – o conjunto dos ossos longos em papel milimetrado. Os ossos desenhados foram comparados com as diversas fotos Polaroid, que confirmaram suas posições. Por fim, realizamos um desenho para as diversas falanges, que também foi coerente com o primeiro desenho. Dessa forma, formulamos duas reconstituições hipotéticas no que se refere à posição dos braços, pernas, mãos e pés.

Segundo ambas as reconstituições, as pernas estariam hiperfletidas,<sup>12</sup> e os braços enlaçariam na altura do peito (ou talvez do abdômen). As mãos, talvez entrelaçadas, localizar-se-iam-se ao sul da fossa.

Entretanto, a presença de raízes no interior da fossa e a posição de alguns ossos sugerem que a posição original do corpo foi modificada. Na verdade, a pressão dos sedimentos na área da cova pode ter sido exercida principalmente para baixo (o que nos levaria à primeira reconstituição) ou para o lado noroeste (caso em que a segunda reconstituição seria a correta). Aguardamos, entretanto, o resultado das análises de Antropologia Física, que – na medida em que os ossos não estiverem destruídos demais – nos fornecerão dados para testar tais reconstituições.<sup>13</sup>

Note-se que este sepultamento foi o único em que encontramos um “leito” de pigmentos. Nos outros, os pigmentos eram apenas esparsos, dando a impressão que foram salpicados.

Nenhum artefato foi assinalado, exceto uma lasca de sílex que, por ser isolada e não repousar

diretamente sobre os ossos, parece pertencer ao sedimento de preenchimento da fossa.

### *Sepultamento V*

Este foi o terceiro sepultamento evidenciado na quadra L10. Sua fossa foi notada no contato entre os níveis III e IV. Mas, foi necessário escavar essa fossa ainda por 30 centímetros de profundidade – até a altura do nível VI – antes de depararmos com o crânio, que estava misturado a fibras vegetais. Dessa forma, trata-se do sepultamento mais antigo do sítio.

O nível III apresenta alguns carvões que poderão ser datados, mas não imediatamente acima do sepultamento, e sim numa quadra vizinha.

Trata-se de uma criança, de idade de  $4 \pm 1$  ano. Foi encontrada inteira, com todos os ossos *in situ*. A cova não parece ter sofrido perturbações importantes. O estado de conservação dos ossos é muito bom, principalmente se levarmos em conta que se trata de uma criança, e que pertence a um nível médio. A única alteração apresentada em alguns ossos são pequenas manchas negras, provavelmente de manganês.

Por outro lado, observou-se também na calota craniana algo que parece ter sido uma lesão, que teria sido cicatrizada. Os estudos antropológicos poderão explicar do que se trata.

Foi escavada uma fossa oval, sendo bem mais larga a SE, onde se encontrava o crânio (34cm de largura) e bem mais estreita a NO, onde estavam os pés (20cm). Seu comprimento máximo media 83cm. Quanto à profundidade máxima, chega a 46cm, o que é bastante para uma criança enterrada deitada. Suas paredes eram bem retas ao longo do comprimento da fossa, mas inclinadas com ângulo próximo a 45° nas áreas onde seriam depositados a cabeça e os pés (corte longitudinal).

Primeiramente, a cabeça da criança parece ter sido envolvida com fibras vegetais semelhantes às encontradas no sepultamento III: paralelas, mas não trançadas. Dizemos envolvida, pois encontramos, após a retirada do crânio, fibras que parecem idênticas às encontradas sobre o mesmo, e coletadas sobretudo em setembro de 1995. Além da região do crânio, essas fibras foram encontradas sobre as costelas esquerdas e sobre a tibia direita. Todas essas “impressões” de campo poderão ser testadas no estudo do material. Não foi encontrado, entretanto, nenhum fragmento de corda que prenderia

(11) Em que pese a imprecisão de tais medidas para objetos que mediam poucos centímetros.

(12) Devendo estar praticamente verticais originariamente.

(13) Uma vez que poderemos então confrontar as atribuições definitivas dos ossos longos às propostas aqui.

essa “capa” (cf. descrição sepultamento III), a qual parece cobrir toda a criança.

Em seguida, ainda semelhantemente ao que encontramos no sepultamento III, parece que a fossa foi recoberta por esteiras trançadas – cujos vestígios estavam presentes inclusive ao longo das paredes. No fundo da cova, coletamos outras amostras desse trançado. Ou então, tratava-se de um cesto, onde a criança teria sido colocada.

Finalmente, encontramos fragmentos de um outro tipo de vegetal trançado que, diferentemente do anterior, era longo e estreito. Pareceu-nos tratar-se de um feixe de uns 3cm de largura. Encontrava-se imediatamente sob os ossos longos, passando sob os braços e o antebraço direitos e dando uma volta sob os joelhos da criança. Também na base do crânio foi encontrado um fragmento.

Como as esteiras e os feixes não se conservaram, não pudemos encontrar sobreposição entre eles. Pelo seu relevo, parece entretanto que os feixes se encontravam sobre as esteiras.

Diferentemente dos outros sepultamentos encontrados no sítio, o indivíduo foi colocado estendido, em decúbito lateral direito, olhando para a direita. Perto do osso frontal, fora colocado um bloco de sílex, bruto e sem sinais de uso. O braço esquerdo encontrava-se fletido (a parte distal do antebraço apontava em direção ao norte) e o direito estendido. As mãos encontravam-se unidas, talvez cruzadas. Já a perna esquerda estava estendida, enquanto a direita estava cruzada sobre ela. Dessa forma, os dois pés estavam bastante separados um do outro, estando o esquerdo no extremo norte da cova e o direito no seu extremo oeste. Quanto às posições dos pés, o esquerdo encontrava-se em posição vertical,<sup>14</sup> virado para SO. Já o direito estava orientado de leste para oeste e inclinado para leste. Logo, o calcanhar estava virado para o leste e encontrava-se mais baixo do que os tarsos.

Três tipos de materiais são dignos de nota nesse sepultamento: o primeiro é uma conta de material vegetal perfurada, que parece ser um adereço. Foi encontrada na peneira, proveniente da quadra L10 (possivelmente da região torácica ou do crânio).

Os pigmentos foram bastante abundantes. Geralmente, na região do crânio, encontramos pequenos fragmentos de pigmento amarelo, recolhidos

na peneira. Sob e dentro do crânio e entre duas vértebras torácicas, foram coletados fragmentos maiores de pigmento branco e amarelo. Acreditamos que estes dois últimos fragmentos tenham sido colocados sobre o indivíduo, e tenham sido deslocados após o seu descarnamento: além da presença da capa de vegetais acima descrita (que devia deixar uma certa “folga” no sedimento, que posteriormente teria sido consolidado), nota-se que ambas as regiões do corpo onde se encontravam pigmentos apresentam “descontinuidades”, ou seja, espaços por onde podem ter-se infiltrado.

É interessante notar que nenhum artefato de uso doméstico foi encontrado: isso se deve, como assinala Prous (1992/93) provavelmente à classe de idade do indivíduo sepultado: não se espera que uma criança desempenhasse atividades de subsistência no seio do grupo.

#### **Algumas reflexões sobre os costumes funerários no vale do rio Peruaçu**

A partir da documentação coletada nestes anos de pesquisa, podemos apontar algumas características que, no entanto, somente poderão ser consideradas confirmadas em termos cronológicos quando um maior número de enterramentos tiver sido estudado.

Os enterramentos pré-cerâmicos fazem um uso intenso de pigmentos no caso de sepulturas de crianças, sendo que os adultos seriam acompanhados por instrumentos de pedra e, eventualmente, cobertura de blocos. No entanto, pode ser que esta última “característica” decorra apenas do fato que na cova do sepultamento I do Boquete tenham-se retirado blocos do sedimento natural, que foram “rearrumados” para delimitar a fossa apenas porque estavam imediatamente disponíveis.

Os enterramentos do período ceramista caracterizam-se por um uso muito discreto dos pigmentos e as pela presença de instrumentos, particularmente vegetais. No entanto, esta última característica decorre da preservação das matérias perecíveis em razão da duração relativamente curta decorrida até a chegada dos arqueólogos: não podemos afirmar que cabaças, arcos e cestas não teriam sido enterrados nos períodos anteriores. Os poucos restos trançados encontrados no sepultamento VI do Boquete evidenciam este fenômeno de degradação, que parece ter-se completado em cerca de

(14) As falanges estavam umas em cima das outras.

5.000 anos no ambiente desta Lapa. Objetos de osso deveriam ter-se preservado, já que há vestígios de fauna até os níveis inferiores. No entanto, são ausentes na maioria dos sepultamentos: apenas registramos as continhas de colar – aparentemente reservadas a crianças menores – e instrumentos em dois sepultamentos recentes do Boquete e do Malhador. De qualquer forma, o investimento relativamente alto feito para os infantes dentro dos padrões do grupo (elaboração de adornos delicados, preparação grandes quantidades de ocre amarelo, o mais difícil de se obter) sugere uma preocupação muito grande para com os filhos desde seu nascimento. A amarração das mãos dos adultos e adolescentes na cultura *Una* pode ser interpretada de diversas maneiras, desde uma técnica para facilitar o transporte do corpo até uma preocupação em impedir uma “liberação” terrena do defunto. De qualquer modo, a posição das mãos nos sepultamentos mais antigos encontrados sugere que esta técnica não teria sido utilizada no pré-cerâmico.

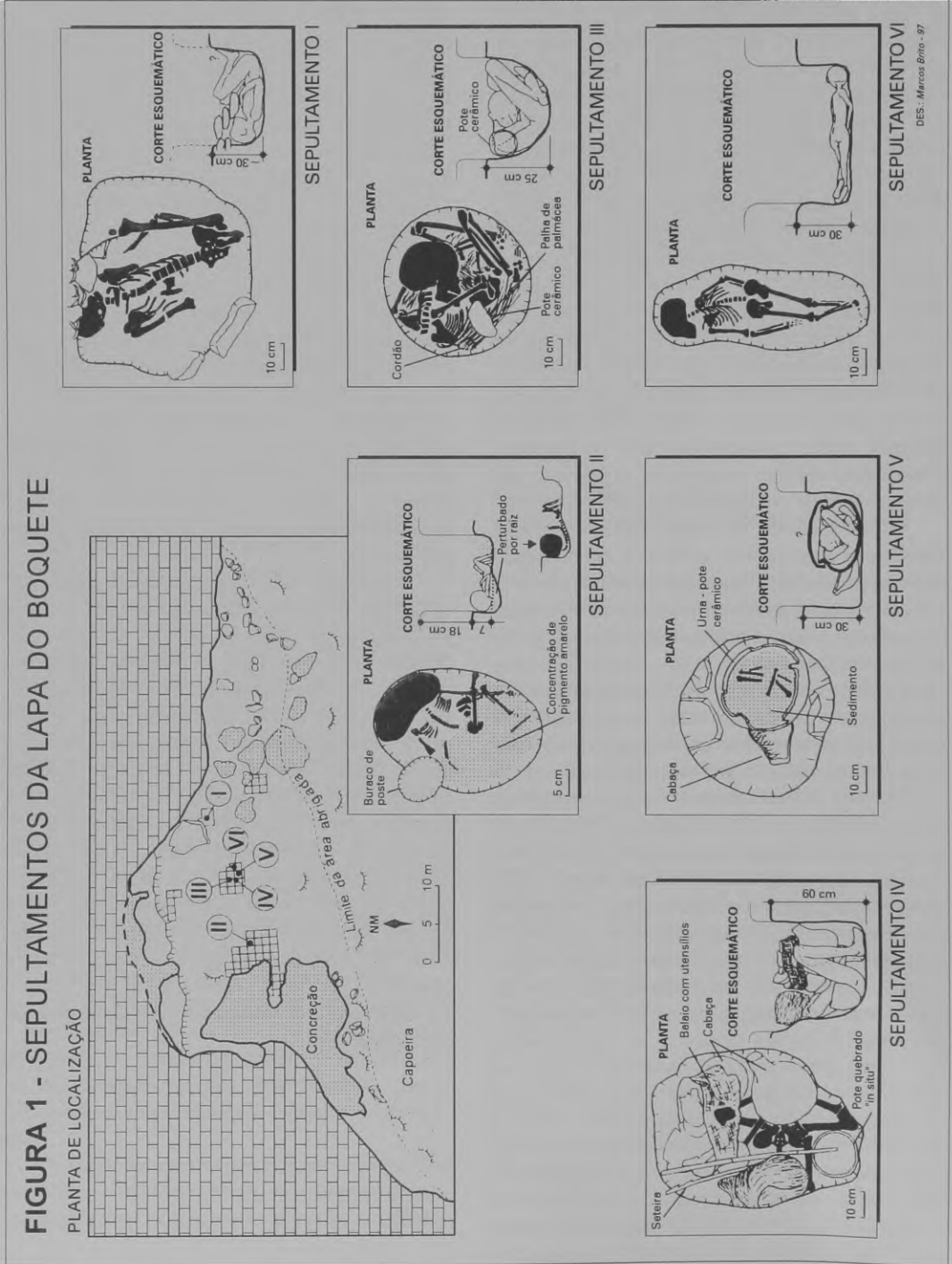
O enterramento do corpo, ainda articulado, mantém-se durante todo o período de ocupação humana para o qual temos registro de ritos funerários. No entanto, aparece na cultura *Una* o enterramento em urna, aparentemente reservado a crianças muito pequenas.

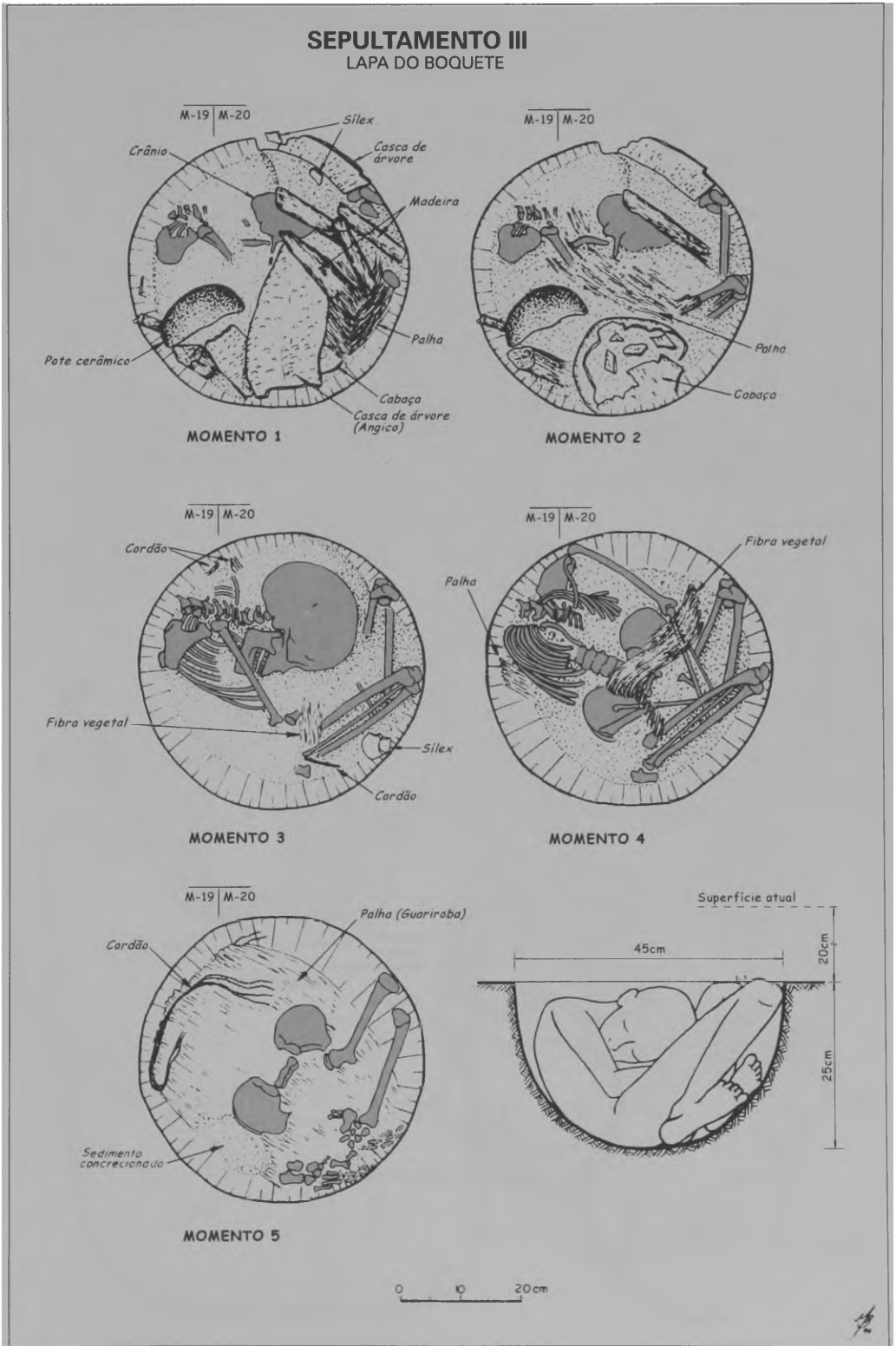
Fora dos abrigos e já fora do canyon, nos sítios que podemos provisoriamente considerar *Tupiguaranis*, o enterramento em urna, provavelmente secundário, é atestado por achados casuais.

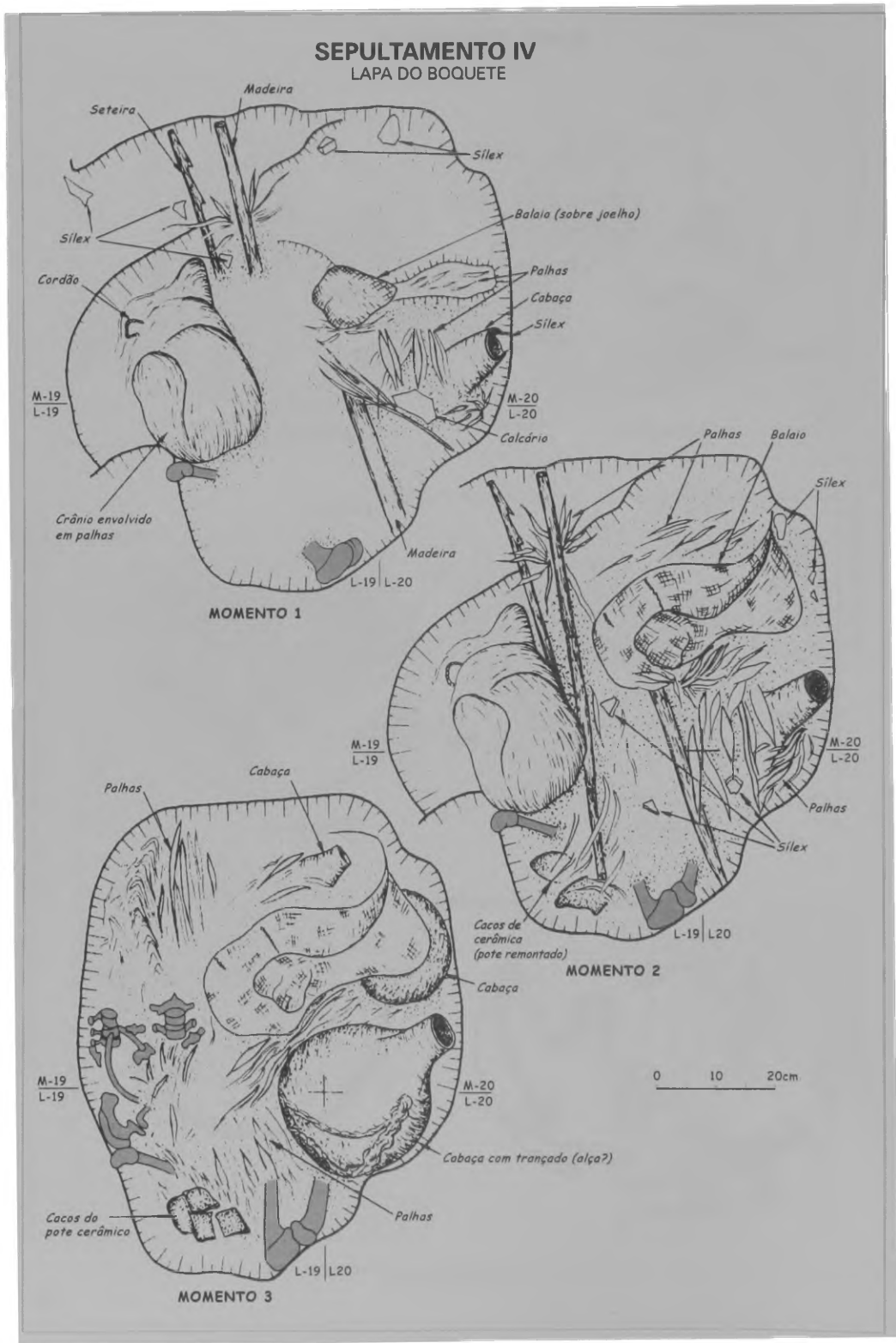
Embora tenham aparecido alguns pequenos ossos humanos avulsos na Lapa do Boquete, não temos encontrado nenhum sepultamento do período limite entre o Holoceno e o Pleistoceno; obviamente não se pode ter certeza ainda que os primeiros habitantes da região não tenham nunca aproveitado os abrigos para fins funerários, mas se isto ocorreu, deve ter sido em caráter excepcional ou dentro de poucos abrigos, provavelmente ainda não sondados.

Não se pode afirmar que os sepultamentos tenham sido realizados preferencialmente em certos sítios; com efeito, foram encontrados apenas nas duas Lapas onde mais de 14m<sup>2</sup> foram escavados; os 55m<sup>2</sup> escavados na parte abrigada da Lapa do Boquete correspondem a 10% da área abrigada mais propícia à ocupação, com uma densidade de pouco mais de 1 corpo para cada 10m<sup>2</sup>, para uma duração de presença humana no vale de cerca de 11.000 anos; haveria, portanto, potencialmente cerca de 50 a 60 mortos enterrados no sítio. Considerando provável que estejamos dispo de uma amostra arqueológica representativa do canyon, é legítimo pensar que a grande maioria dos antigos habitantes não era sepultada em abrigos. Não temos indícios que tenham sido destruídos por cremação (ritual praticado em outras regiões do norte de Minas Gerais, conforme Machado 1990), pois isto costuma deixar vestígios como restos ósseos queimados, o que não ocorre. Os poucos ossos avulsos encontrados durante as diversas escavações estão em bom estado e parecem ter sido transportados por animais.

Parece haver uma certa homogeneidade entre os padrões de enterramento em cada um dos dois períodos em que aparecem no vale. No futuro, esperamos poder enriquecer os dados já disponíveis no estado de Minas Gerais com análises comparativas com outras regiões do mesmo estado. Parece ser de especial interesse o estudo dos achados do Sul de Minas, que parecem apresentar algumas semelhanças com alguns dados expostos aqui. Por exemplo, seria interessante averiguar-se o que constaria de um “nécessaire para o Além” de um indivíduo do sexo feminino, ou de uma criança – já que dispomos, no Peruaçu, de um para um adulto de sexo masculino. Ou então comparar este último a “kits” de outras regiões do estado. De fato, o estudo dos padrões de enterramento pré-histórico em Minas parece ainda nos reservar vários padrões, hoje insuspeitos.









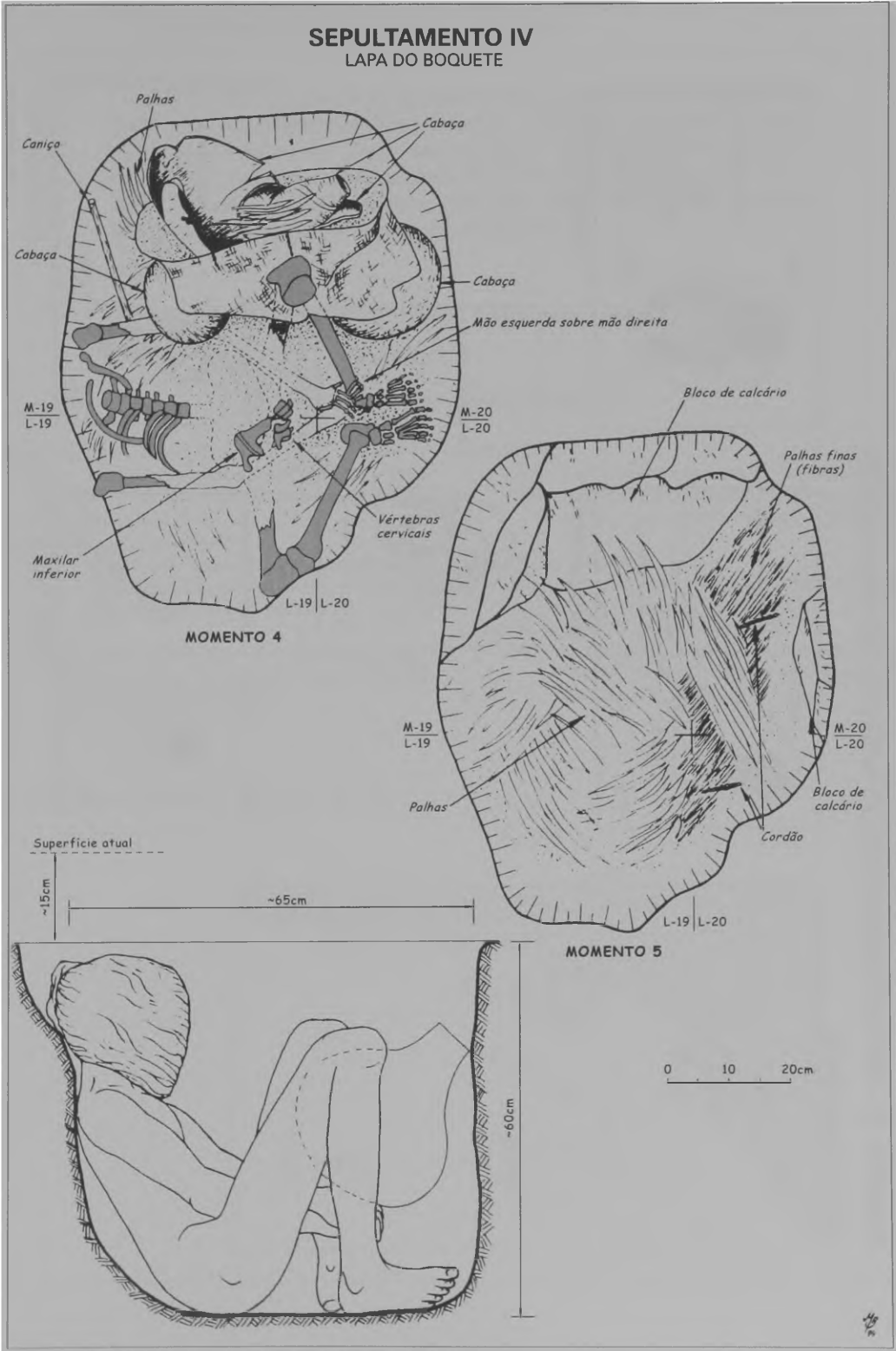
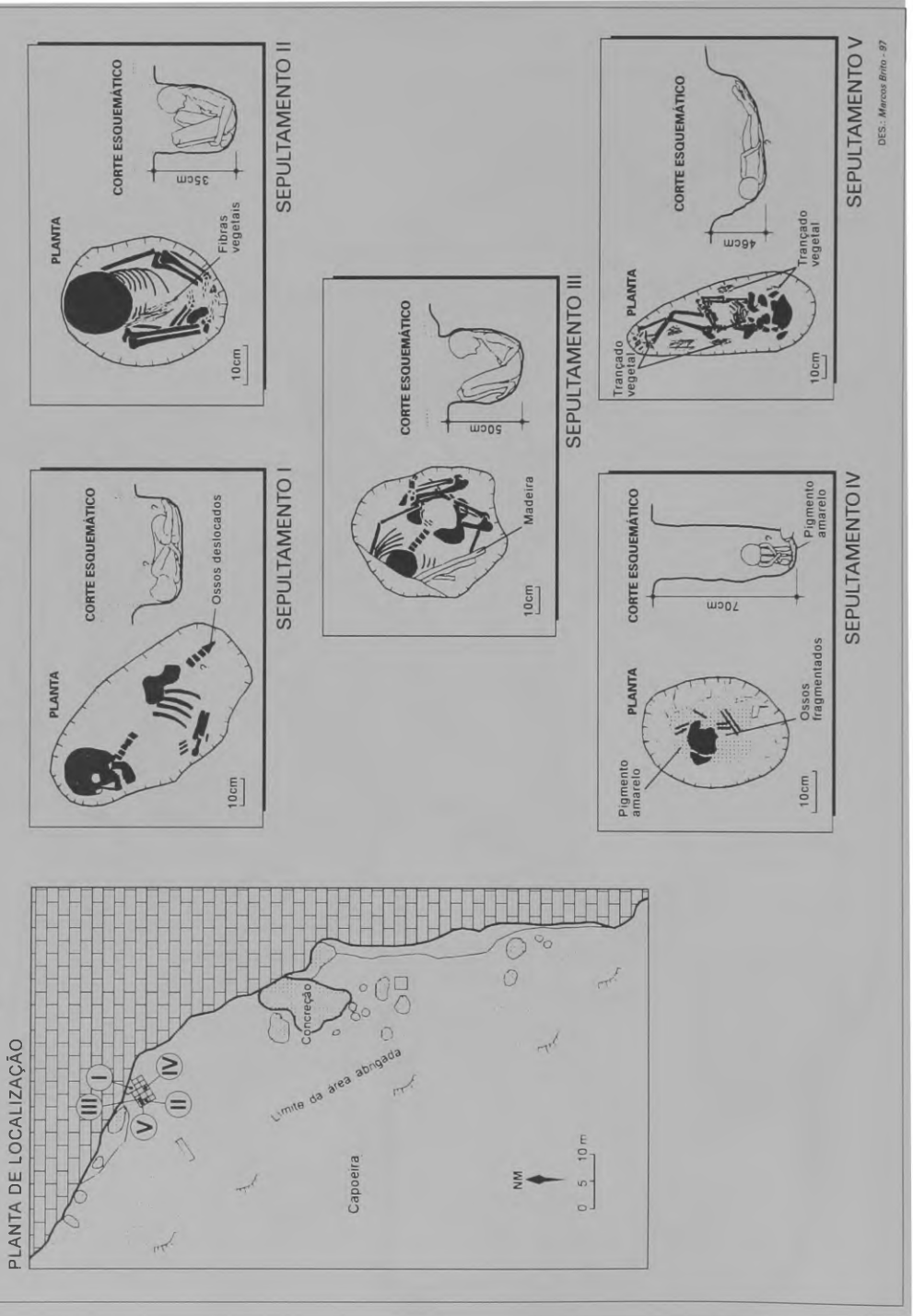


FIGURA 2 - SEPULTAMENTOS DO ABRIGO DO MALHADOR



DES.: Mircea Băbuș, 97

PROUS, A.; SCHLOBACH, M.C. Prehistoric burials in Peruaçu Valley – MG. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 7: 3-21, 1997.

**ABSTRACT:** This paper presents eleven burials excavated in Peruaçu Valley since 1981. After discussing data referring to sex, age and radiocarbon dating, the skeleton position and objects accompanying it are described. Our aim is to discuss the existence of burial patterns in the two Periods (Medium Archaic – 4.500/7.000 BP – and Medium/Recent Ceramist – 600/1.200 BP). We conclude that there are some typical features for each period.

**UNITERMS:** Archaeology – Minas Gerais State – Burials – Rituals.

### Referências bibliográficas

- BELTRÃO, M. C.; LIMA, T. A.  
1986 Mumificações naturais na Pré-História Brasileira: Um estudo de caso. *Revista de Arqueologia*, 3(1): 3-39.
- MACHADO, L. C.  
1990 Sobre as práticas funerárias de cremação e suas variações em grutas do norte e noroeste de Minas Gerais. *Revista do CEPA*, 17(20): 235-248.  
1992/93a Estudo Arqueológico do vale do rio Peruaçu, Minas Gerais. Relatório apresentado à FAPEMIG. Belo Horizonte (mimeo).
- PROUS, A.  
1992/93b As Estruturas Aparentes: Os Sepultamentos do grande abrigo de Santana do Riacho. *Arquivos do Museu de História Natural*, XII/XIII: 21-77.
- PROUS, A.; BAETA, A.  
1993 Relatório sobre a viagem realizada no município de Carangola. Datilografado.
- PROUS, A.; BRITO, M. E.; LIMA, M.A.  
1994 As Ocupações Ceramistas no vale do rio Peruaçu (M. G). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 4: 71-94.

Recebido para publicação em 25 de junho de 1997.